

Journal do Domingo.

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis é entregue nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 números, \$6500 réis; Semestre ou 26 números 1\$300 rs.; trimestre ou 13 números 700 rs.; avulso 60 rs.

—ANNO II—24 DE DEZEMBRO DE 1882—N.º 44—

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 números, 7\$000 réis; semestre ou 26 números 4\$000 rs.; trimestre ou 13 números 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino & Faro, Rua do Ouvidor.

SUMMARY

GRAVURAS:—A porta principal do palacio da Pena em Cintra. Uma ultima vista d'olhos. Um momento de descanso. As pontes de corda no Japão.

TEXTOS:—Actualidades, por Urbano de Castro. As nossas gravuras por P. C. A exposição da Rua de S. Francisco, por Fialho d'Almeida. Domingo dos Bêbês, por Vidigal Salgado. O tunel do barão Atulfo, por Alfredo Gallis. O Commendador Mendoza, por D. João Valera

ACTUALIDADES

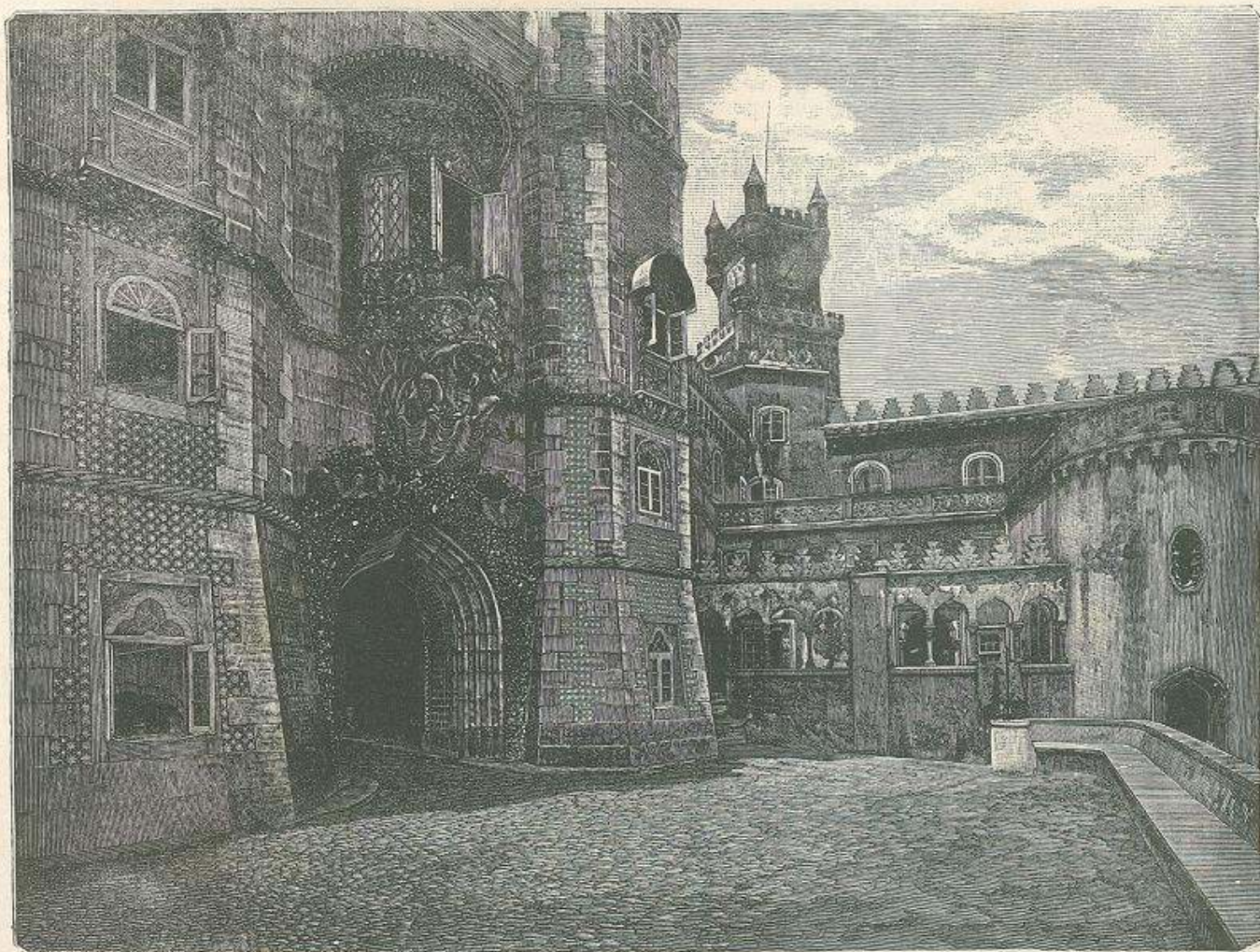
Chega o tempo das festas. D'antes, se a memoria me não engana, só duas vezes no anno—uma do Natal aos Reis, outra pela Paschoa é que acontecia ouvir-se por essas ruas, em frente das casas de apparencia rica o *tehim tehim* dos pratos e o *bum bum* dos tambores de uma ou outra philharmonica, dese-

jando, na mais ruidosa desafinação de metaes, as boas festas ao sr. conselheiro, ao sr. visconde, ou ao sr. commendador.

A musica escolhida para exprimir os desejos da guerrilha era invariavelmente a mesma—o hymno da carta, um hymno que tem sido em Portugal pau para toda a obra.—Depois de ter servido para implantar a liberdade no solo portuguez, serve ainda,

hoje para tudo isto: abrir as côrtes, fechal-as, dar principio ás touradas, terminal-as, felicitar o deputado eleito, arrelhar o candidato infeliz, dar boas festas. Não fallando em serventias menos selectas.

Hoje, porem,—os effeitos do progresso em tudo se patenteiam—hoje, n'este particular de festas que peçam philharmonica, *tum tum*, como dizem os bêbês, o caso mudou muito de figura.



PORTA PRINCIPAL DO PALACIO DA PENA EM CINTRA

Para que a gente ouça o hymno da Carta, o da Restauração, ou qualquer outra peça não menos apreciável, não é preciso que tenha nascido Jesus ou que o Christo resuscitasse. Basta que nascesse qualquer, robusta criança, fructo do amor do sr. barão de tal, ou que o mesmo sr. barão fosse agraciado com mais uma commenda.

Tudo isto devido á imprensa. E ainda ha quem conteste ser ella uma poderosa alavanca!

Sim, foi a imprensa a creadora de uma nova industria a que eu chamarei:—*Industria exploradora das alegrias e tristezas do proximo.*

Muito curiosa esta industria. Toda a minha pena é não saber o nome do seu inventor para o remetter á posteridade engrinaldado de todos quantos adjectivos exprimem a admiração e o enthusiasmo. Um verdadeiro genio esse homem.

Um dia viu o *High-life* do *Illustrado*. Fazia annos um visconde muito conhecido como possuidor de grossos cabedades, ganhos no commercio dos mesmos.

— Se eu fosse com a minha philharmonica dar os parabens a este nobre visconde pelo seu fausto anniversario natalicio. . .

Dito e feito. A' hora do *dessert* quando o visconde tendo bebido varios vinhos generosos devia começar a estar como os vinhos, ouvia-se em frente das suas janellas, triumphal e victorioso—o hymno da carta!

D'ahi a nada um creado entregava a s. ex.^a um cartão de visita onde se lia:

—Ao ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. visconde de ***

A SOCIEDADE ALUMNOS DE BELLINI

Felicitá pelo seu fausto anniversario natalicio

O visconde, se não tivesse bebido os taes vinhos generosos e se estivesse só com a familia, é natural que mandasse os alumnos de Bellini para o inferno: mas, o Porto, o Madeira, o Xerez, o Champagne, e, alem de tudo isto, os convidados. . . Que diabo!—ninguem gosta de passar por unhas de fome deante de gente. Breve, o visconde dá uma libra aos alumnos de Bellini.

Essa libra tem sido a desgraça de muita gente. A sociedade exploradora das alegrias e tristezas do proximo tendo-se estreado com toda esta felicidade, resolveu alargar o seu commercio.

Os anniversarios natalicios eram uma bonita base de operações. Havia, porem, muito mais a explorar:—os casamentos, os baptisados, não fallando n'este importantissimo ramo—os despachos, as mercês.

O sr. X. é feito chefe de repartição—philharmonica—o sr. I. é agraciado com a commenda de Christo, philharmonica,—casa a filha do sr. Z, philharmonica,—baptisa-se um filho do sr. W, philharmonica. Philharmonica, philharmonica, philharmonica!

Ora, hoje que tudo vem aos papeis, hoje que varios almanachs se encarregam de ensinar onde toda a gente mora: a sociedade, para se pôr em campo, basta dar-se ao incommodo de lêr pela manhã as folhas, e de consultar em seguida um dos taes almanachs:—depois, á tarde, a hora do *dessert*, sempre á hora do *dessert* tum-tum, rana cataplana. . . passa para cá quinze tostões!

Como vêem, parece não haver melhor vida, nem melhor emprego—rendoso, vistoso, e pouco trabalhoso. Pois ha. Ainda ha melhor. Descobriu a Sociedade exploradora que anda podia haver melhor. Explorar a alegria era bom, mas se a isto se juntasse a exploração da tristeza. . . então seria ouro sobre azul.

Vae d'ahi a sociedade tratou de explorar a tristeza.

Como? Muito simples. Depois de vêr o *high-life*, os despachos e as mercês passou a percorrer a necrologia. . .

Percebem?

Morre um ricasso, ou a mulher de um ricasso, ou a filha de um ricasso, ou a prima de um ricasso, ou a cunhada de um ricasso (os ricassos tem tudo isto e muito mais) que faz a sociedade?—Envia-lhe uma Carta, tarjada de negro, redigida, mais ou menos, por este theor e fórma:

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Sabendo todo o bem que v. ex.^a faz á pobreza, que tem em v. ex.^a um verdadeiro pae, o abaixo assignado vem, no cruel transe porque v. ex.^a acaba de passar—que a morte ninguem respeita—erguer supplices mãos á caridade de v. ex.^a em nome de tres desgraçados orphãos do mais santo dos amores—do amor de mãe. Se as orações de tres innocentes podem chegar aos pés do throno do Altissimo, Aquella (ou Aquelle, mas sempre com A maiusculo que faz mais sensação) Aquella que já hoje—decretos da Providencia!—não pertence a este mundo, ouvirá do logar onde está as preces d'estes tres desgraçados seres.

Beija humildemente as mãos de v. ex.^a

o creado de v. ex.^a

Bento Francisco dos Santos.

Isto, lido a sangue frio é banal, é chato, é idio-ta; mas, quando as lagrimas nos alagam o rosto, quando a dôr nos suffoca, quando o coração só encontra desafogo na pratica do bem, da caridade, isto. . . rende meia duzia de tostões aos illustres membros da Sociedade exploradora das alegrias e tristezas do proximo.

Ainda agora reparo que fiz tudo menos uma chronica.

O leitor porém de certo me desculpa. Se não escrevi uma chronica revelei-lhe os mysterios da mais curiosa das associações lisboetas.

E, para terminar, uma historia da Sociedade.

Um dos seus membros uma vez recebeu uma libra por uma carta no genero da que acima se lê.

Extranhou a quantia. A mesma pessoa, que elle conhecia de ha muito, nunca dava por essas epistolas mais de cinco tostões.

Porque lhe teria então dado uma libra d'aquella vez? Foi vêr o convite funebre. . . tinha-lhe morrido a sogra.

URBANO DE CASTRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

Porta principal do palacio da Pena em Cintra

Quem não conhece esta deliciosa residencia de Sua Magestade el-rei D. Fernando, este castello maravilhoso da Pena, que brota como um sonho de fadas na região dos nevoeiros, no pincaro mais alto d'essa formosissima serra de Cintra, toda alcatifada de verdura? O rei-artista demonstrou alli o seu finissimo gosto, e poz como remate e corôa a todas as bellezas de Cintra esse producto da sua imaginação. Foi durante largos annos, é ainda hoje a Pena a occupação predilecta do sr. D. Fernando. Emquan-

to se andou a construir esse lindissimo castello, el-rei empregou todo o seu zelo, todo o seu gosto na direcção e na superintendencia d'essas obras que são a honra dos canteiros portuguezes do seculo XIX, como as da Batalha e de Belem são a honra dos artistas portuguezes dos seculos XV e XVI. Hoje é o jardim que mais especialmente o preoccupa. Tem-n'o transformado n'um verdadeiro jardim de fadas. Alli tem concentrado e reunido os especimens mais formosos da vegetação de todas as zonas, e tão privilegiado é esse clima que, com grande espanto dos naturalistas europeus que visitaram o castello da Pena em 1880, por occasião da reunião em Lisboa do congresso anthropologico, alli crescem ao ar livre, ao lado umas das outras, as arvores das regiões do Norte e as dos Tropicos, as plantas que habitualmente só podem viver ao lado umas das outras, quando parte d'ellas se abriga dentro dos vidros das estufas.

E' realmente o castello da Pena uma visão encantadora, um verdadeiro sonho de artista e de poeta. N'uma manhã serena e clara, quando o visitante vae subindo pelas alamedas d'aquella quinta encantadora, respirando o aroma das flores, sentindo o cristallino murmurio da agua a correr na fonte dos Passarinhos, e nas outras innumeradas fontes que por toda a parte soltam as pérolas das suas aguas, ouvindo gorgear os passarinhos emboscados nos ramos dos arvoredos, deleitando a vista com as moitas de camelias que por alli se apinham, com a elegancia inexcelsa dos troncos das araucarias, a apparição do castello da Pena com os finissimos rendilhados das suas ameias, com as ogivas graciosas e os esbeltos columnelos das suas janellas manuelinas, com o vulto airoso das suas torres, com os seus portões abobadados que um monstro ou uma chimera defende e sustenta, lembra a apparição de um d'esses palacios encantados, como os sonharam ou Camões ou Tasso, ou o Ariosto, e espera-se que n'essa magica mansão, que assim brota do centro d'esses jardins encantados, sôem de repente os concertos ineffaveis de uma musica divina, e que a essa porta principal, que a nossa gravura representa, appareça de repente ou Armida, ou Alcina, ou Thetis, a Armida da *Jerusalem*, a Alcina do *Orlando*, a Thetis da ilha dos Amores, cercadas todas das suas nymphas e das suas fadas, das suas suaves companheiras, a convidar-nos ao doce repouso e ao esquecimento de todas as preoccupações humanas n'um longo, ineffavel e paradisiaco deleite.

Outras vezes touca o nevoeiro os alcantis da serra, e, como a serra é alta, e a nebrina corre um pouco rasteira, succede que, ao passo que nos vamos immergindo n'esse mar brumoso que ao principio nos escondera o castello, vamos vendo surgir, vagamente desenhadas, *estompees*, como os Francezes dizem, as formas aéreas d'esse maravilhoso castello. A certa altura, enfim, achamo-nos completamente acima do nevoeiro. Sobre as nossas cabeças desdobra-se o céu azul, por baixo de nós desdobra-se envolvendo a paisagem o immenso mar da nebrina, ao nosso lado fluctua, como que perfeitamente suspenso nos ares, o castello com as suas formas delicadas, com a base das suas torres immersa no nevoeiro, e as linhas deliciosas da sua estrutura a ondearem na atmospheria. Então parece-nos que temos diante dos olhos uma miragem estranha e encantadora, que essa mansão formosissima a desenhou nos ares a varinha de condão de uma d'essas damas brancas escocezas, tão familiares aos leitores de Walter Scott. Espera-se que a melancolica dama branca de Avenel appareça nas ameias d'essas tor-

res com as suas formas vaporosas, o fio de oiro te-nue a apertar-lhe a cintura, e que, à medida que o sol fôr rompendo, a um tempo se dissolva em bruma o castello e a habitadora, que vão empallidecendo as doces feições do espirito sobre-natural e as curvas airossimas d'esse edificio phantastico, e que de um momento para o outro nos encontremos sós na montanha, tendo diante de nós o pinheiral, onde o vento geme as suas eternas tristezas.

Outras vezes ainda, á noite, podemos contemplar de Seteais o castello da Pena banhado pelo doce esplendor do luar. Então ao vêr-mol-o assim erecto na montanha, com a lua a cingil-o no manto candidissimo da sua luz, melancolico, suave, parecer-nos-ha ver um castello romantico, onde as donzelas scismam, com os loiros cabelos soltos pelos hombros, vestidas de branco, e encostadas languidamente ao peitoril das janellas, nas alegrias ignotas do amor, enquanto um pagem amoroso, dedilhando o bandolim dos menestres, exactamente como o pagem de Antonio de Serpa, lhe entôa:

Qual doce queixa
Uma endeixa
Endeixa que diz assim

Todas estas fórmas pôde tomar o castello da Pena, segundo a hora, o logar, as circumstancias em que o vêmos, e sempre elle nos apparece como uma das creações mais mimosas do genio artistico do nosso tempo.

A nossa gravura representa a porta principal do castello da Pena. Descrevel-a minuciosamente seria superfluo. Qual dos nossos leitores a não tem visto dezenas de vezes ou na realidade ou na gravura, reproduzida pelo lapis, descripta pela penna, em quantos jornaes, em quantos guias, em quantos dictionarios geographicos por ahí saem á luz? O que nos parece poder affirmar, sem receio de sermos taxados de vaidosos, porque não fomos nós que fizemos o desenho—palavra de honra!—é que poucas vezes terá sido ella reproduzida com tanta fidelidade e com tanto primor como na gravura que hoje apresentamos aos nossos leitores.

Uma ultima vista de olhos

Temos na nossa frente um elegante do tempo de Luiz XIV. N'esse tempo cuidava-se mais em se agredar ás damas com as perfeições do vestuario do que hoje. O que se faz actualmente? Deus do céu! cuida-se um pouco da gravata, e nada mais. Escolhe-se quando muito uma flor fresca e bonita para a lapella do fraque. O mais é o fato de toda a gente: chapeu desgracioso, a calça informe a cair sobre a bota, que, por muito apurada que seja, nunca passa de um calçado prosaico e severo. Então era outro caso: o chapeu, a cabelleira, as pregas da camisa, a fazenda do gibão, o laço que se atava por cima do joelho, o afunilado das botas, ou a roseta dos sapatos, em tudo se podia manifestar o bom gosto de quem revestia esses trajos, a elegancia especial de quem os usava. Hoje o que pôde fazer o mais elegante de todos os dandys? Escolher um alfayate da moda e sujeitar-se cegamente ás suas prescripções. Hoje um elegante é um producto do seu alfayate, pôde ser quando muito um exemplar de luxo, numerado, e tirado em papel da Hollanda, de uma edição que tem milhares de exemplares mais baratos, então um elegante era um producto da sua propria phantasia e do seu proprio engenho; Lauzun não podia confundir-se com um merceeiro qualquer. Por isso tambem a sua *toilette* era um nego-

cio grave e serio que occupava umas poucas de horas, um poema original que se compunha de uns poucos de cantos, e que precisava de retoques e de correcções. O nosso conquistador, que vae da gravura para Versailles, onde conquistará talvez um sorriso da Fontangesou um olhar de mademoiselle de Tonnay-Charente, que ainda não é a omnipotente Montespan, acaba de se entregar á composição apurada e primorosa da sua epopéa de *toilette*, escolheu o mais vistoso gibão, a charpa mais brilhante, a camisa mais fina, as mais delicadas rendas para o joelho, a roseta mais graciosa para os sapatos de tacão altissimo, o chapeu de plumas mais graciosamente onduladas, a cabelleira de mais lustrosos anneis, assentou sobre a cabelleira o chapeu com uma dengue especial, e um ar *crâne* que lhe vai dar o aspecto de um heróe de mademoiselle de Siudéry, retorceu com toda a perfeição as guias do seu bigode, e lançou enfim uma ultima vista d'olhos para o espelho, afim de ver se tudo esta correcto e perfeito. O creado, o Bazin d'este Aramis, contempla-o com ar de entendedor, enquanto segura a espada, que ha-de completar o trajo elegantissimo de gentil-homem francez.

Nada falta; d'aqui a pouco o nosso homem, com a mão no punho da espada, e de nariz ao vento, irá pisar, altivo e gracioso, os tapetes de Versailles, e mais de uma das *demoiselles* de madame Henriette, onde o rei Luiz XIV recrutou as suas primeiras amantes, olhará com ternura para esse fidalgo gentil como Guiche ou como Lauzun, que, para conquistar esse olhar e esse sorriso, despendeu na composição d'essa *toilette* o seu engenho todo e uma boa parte do seu tempo.

Um momento de descanso

E' um trabalho perigoso o trabalho de costura. Enquanto os dedos manejam mechanicamente a agulha o pensamento vóe pelos espaços infinitos. Enquanto se cose uma bainha, a imaginação tece um devaneio, e a bainha vai-se fazendo e o devaneio vai-se desenvolvendo. E' quando se fazem as bainhas que se fazem tambem os castellos no ar, e esse duplo trabalho só se percebe quando o trabalho da imaginação é tão poderoso e tão activo que faz parar involuntariamente o trabalho dos dedos. Então cae a costura sobre o regaço, cravam-se os olhos vagamente n'um ponto qualquer e a visão acariciada passa com todo o seu esplendor diante da vista abstrahida da sonhadora. Então, passado um momento de extasi, volta-se á realidade prosaica. Um suspiro punctua o final do sonho, e de novo os dedos e a imaginação voltam á costura, até que de novo a imaginação se separa, e vóe outra vez pelos espaços illimitados.

E' esse momento de enlevo que precede o fim do sonho que Stevens representa no quadro encantador de que a nossa gravura é cópia. E' elegante a costureira, elegantissimo tudo o que a cerca. Não é difficil pois imaginar o que vêem n'este momento esses olhos abstractos. Vêem um gentil cavalheiro, de olhar ardente, e de fino bigode, que uma tarde cravou nas suas pupillas, que logo as pestanas timidamente velaram, uma vista apaixonada...

As pontes de cordas no Japão

Uma das curiosidades, que attrahem a attenção dos viajantes no Japão, são essas pequenas pontes de cordas que se vêem a balouçar-se por cima dos valles profundos e dos precipicios mais horrozosos. A construcção d'essas pontes é muito facil, amaram-se a uns postes, de uma borda dos precipicios para a outra, n'um sitio bem firme, sete para dez

grossos cabos, rodeiados cada um de um bambú; taboas de bambu tambem são amarradas ao meio d'essas pontes por cordas muito delgadas para tornar a circulação mais commoda; outras cordas repuxadas nos lados servem de parapeitos. Essas pequenas pontes são um meio muito engenhoso e muito simples, reúnem assim as margens de uma quebrada profunda e facilitam as relações dos habitantes das cidades e dos campos. São construidas com solidez bastante para poderem com pesadissimas cargas.

P. C.

A EXPOSIÇÃO DA RUA DE S. FRANCISCO

(NOTAS DE UM TOURISTE)

(Continuado de pag. 343)

Em todos os artistas que expõem, a maneira tende a alargar-se, abraçando mais arrojados programas. Destaco do grupo eleito a vivacidade de Malhõa que produz com uberrimos impetos, e o pictoresco talento, inquieto e multiplice de Vaz, que foi a surpresa d'este anno, attentas as aptidões novas que desentranham, e as largas redeas com que vae tratando o vivo progredir do seu trabalho.

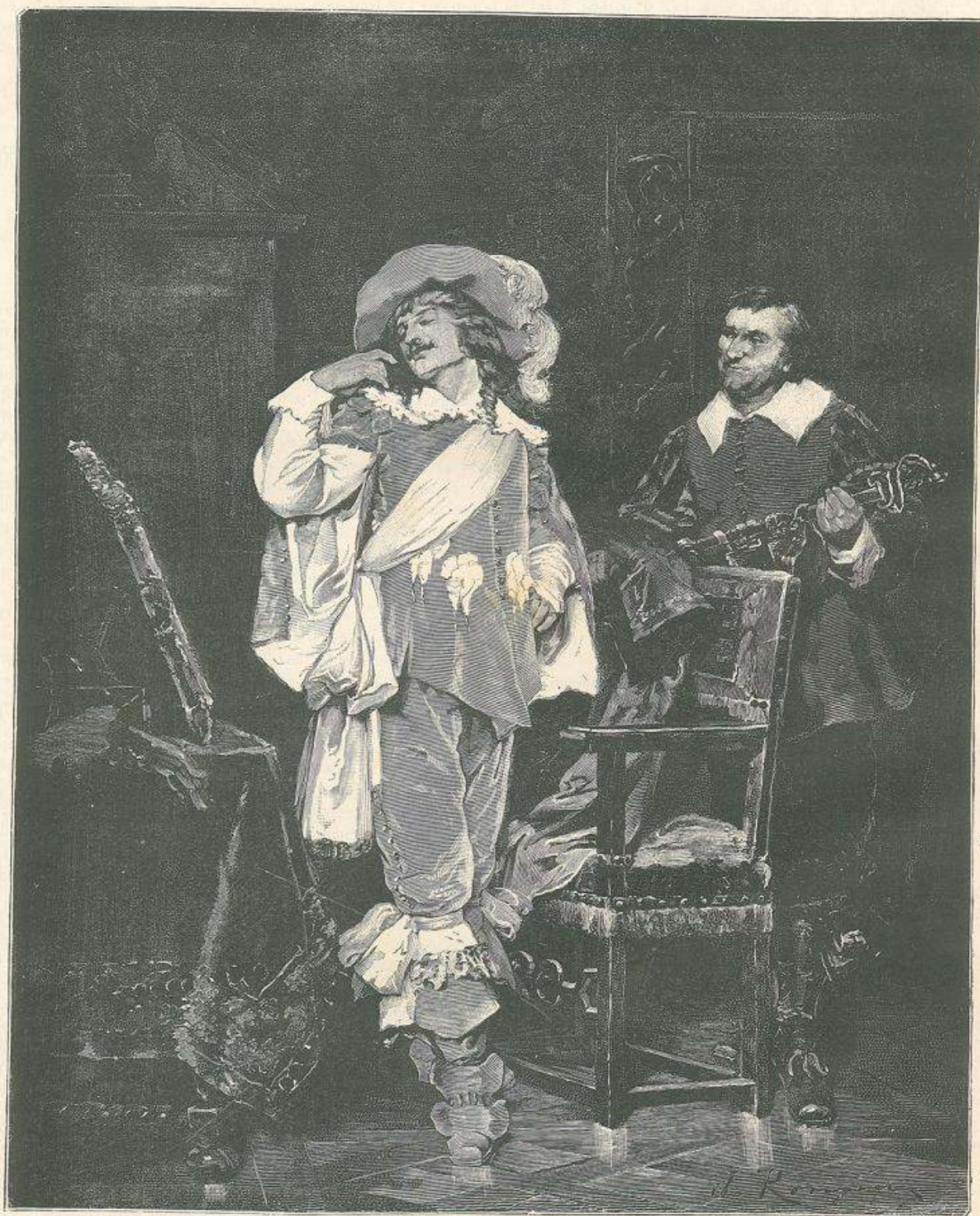
Cada um d'elles começou já a perder essas analogias de factura que faziam invocar secretamente o propulsor do pequeno movimento artistico hoje iniciado, e a adquirir a força de valentia e talento, característicos que accentuadas mais maduramente e melhor, farão d'elles artistas completos, com firmeza de processo, sabedoria d'officio, e fidelidade no modo de ver e sentir. Malhõa expõe uma quantidade de pequenos quadros, paisagem pela maior parte, onde riem qualidades de primeira ordem, uma sobretudo que me illumina de jubilo, a alegria. E' um pintor dos paizes do sol, que adora a luz como as aguias e como certas flores. A sua maneira por vezes intenta audacias que são verdadeiras cruzeiras, e tem exuberancias que se dirão premeditados excessos. Vê-se que pinta depressa e muito; isto o faz descuidar pequenos cantos e detalhes, nos quadrinhos que pinta. Resente-se o desenho, aqui e alem, da mesma furia de produzir; é o caso por exemplo da paisagem d'inverno, ligeiramente scenographica, que expõe. Em compensação, ha n'outros bocados impressões fixadas, de coisas vistas pelo artista, com uma justeza notavel e uma graça toda juvenil. Certos bocados claros, primaveraes, gotteantes de orvalho e de sol, exhalam uma frescura, uma vida, um tal fremito de expansão, que a gente tem saudades de não percorrer aquelles hortejos, ir sob aquellas sombras de latadas, ouvindo o ramerrão das noras á hora do sol cair no mar gigante d'oiro em tumulo de prata, como dizia aquelle fradesco Calderon de la Barca. Entre os quadros que d'este artista me feriram mais, noto uma pequena cabeça de cavallo, estudo para o *Salero* da casa Relvas; a casa rustica com parreira sobre o portal; um poente extremamente pittoresco e finamente observado; e o grande parreiral por cima d'um lavadouro, o sob cuja abobada uma mulher estende roupas. Esta ultima tela é d'uma luz e de uma alegria embriagantes. Transparencias de parras entrelaçadas, tamisam o sol do meio dia, bordando felpasinhas d'oiro pelos recortes da folhagem.

Pelos intersticios do verde docel que se avigora e explende, entra o sol para zebra de fulvo a relvosa penumbra do chão. Uma das faces do tunnel de

verdura, a esquerda, é abrigado por um velho muro a que se encostam os tanques do lavadouro, enquanto á direita a outra face, rasga sobre o terreno da horta, plantado de hortaliças, alfaces, espinafres, o diabo, não sei bem. Ao fundo, arvôres em meia sombra. Nada melhor, mais alegre, mais flagrante, mais

E que namoradas de vagar, analysadas a preceito, interrogadas por tempo, com insistencia, muitas vezes, acabam por nos confessar os sentimentos intimos do artista, no dia em que foram feitas. E vai, disse-me o parreiral que n'esse dia, Malhõa todo alegre, recebeu o preço d'um quadro, tivera successo

Uma coisa que eu noto em quasi todas essas paisagens, pintadas n'um paiz onde o frigidô dezembro é mais amovel que a primavera no resto do mundo, onde dia e noite, o ceu é o que ha de mais puro, de mais calmo, de mais delicado, de mais palpitante e mais concavo, onde o ceu é typico, positivamente



UMA ULTIMA VISTA DE OLHOS

simples. E' a paisagem portugueza, typica local, surprehendida n'um fecundo parenthesis, de nervosismo, incorrecta de factura, defeituosa aqui e alem nos rendidos da luz, é certo, mas vista d'um jacto e executada d'outro. D'estas pinturas que em dias de chuva fazem dizer magoadamente, apontando-as:

— Quando fará um dia assim?

n'uma aventura galante, e sem cuidados essa manhiã, rindo com labios vermelhos, almoçava na relva antes de pintar, enquanto gritavam os passaros sobre as pereiras floridas, e brancas borboletas como phantasias de creança, ia por esses canteiros fazer alcova de nupcias, na corola pudica dos geraneos e na palidez virginal das açucenas.

typico, senhores; uma coisa que eu noto, é o pessimo ceu d'estampagem, em que todas essas arvôres, messes e cazinholos se recortam. Nada de transparencia viva, da inacessivel fluidez e da infinita luz, que fazem a tampa do cofre setim azul, onde esta Lisboa encerrada, como uma ourivesaria ogival vestida de esmaltes clisonnés. Um amigo meu, disse

d'esses firmamentos a papel uma coisa profunda: chega-se-lhe com a mão!

Pois é verdade que chega; e meu Deus! ceus tão accessíveis e tão baixos, vão fazer transtorno aos poetas que os sonham como um remanso de ventura extatica, e aos padres que os promettem em premio

ta essencia de sublimidade que lhe deve ser sempre apanagio. E' o que salva o romance naturalista e a poesia positiva, de que ha dois annos ainda por ahi diziam mal, e que dos themas mais asperos, mais asquerosos ou mais seccos, arrancam sem phantasia, nem esforço, extraordinarias finuras de detalhe, ad-

mas não ficam grandes artistas. Em summa *je passe* dizendo que Vaz fez este anno uma exposição muito sympathica. E' um talento limpido, sem inuteis turbulencias, familiar, cordeal para os seus assumptos, e cheio de ternuras pela arte que realisa. Desenha bem, por exemplo: os seus quadros hão-de ter phy-



UM MOMENTO DE DESCANÇO

grande de loteria religiosa. O artista não tem necessidade de inventar para embellecer a natureza, mas incorre-lhes a obrigação de ferir as notas subtils, as pequeninas fmenilidades e graças que ella apresenta nas suas phases d'estructura e nas suas transmutações d'aspecto. A arte que põe ao seu serviço a observação, não perde nem brutalisa por isso, a quin-

miraveis e fresquissimos idylls, descriptivos, conceitos ou traços de character, os mais rendilhados e encantadores. E conseguindo taes maravilhas, aquellas formulas de litteratura não mentem; ao contrario nunca foram mais verdadeiras, os senhores bem sabem. Ora baixando os ceus por este modo, os nossos caros pintores serão talvez heroicos jacobinos,

sionomia dentro de pouco.

Entre as bellas coisas pintadas por elle, noto o quadro do reposteiro, o portal do convento de Christo em Setubal, um locado d'alameda no campo do Bonfim, e um *tableautin* de meio palmio, adquirido pelo romancista Teixeira de Queiroz deliciosamente justo e pittoresco.

O reposteiro, seda amarella quebrando em pregas e nuances do tecido, é maravilhosamente visto e verdadeiro. Ha junto d'elle uma figura má, vestida em roupas um tanto melhores. Este quadro foi adquirido pela condessa d'Edla. Quizera mencionar tela por tela, quantas outras desfilam n'esse pequeno *salon*, alegre e gracioso, dos nossos paisagistas. Mas o espaço finda, tenho apenas dois quadros de Vieira, um d'árvores, outro tomado na praia da Nazareth que revelam aptidões, inda que a agua verde-portão do ultimo, seja d'uma extravagancia além de toda a expectativa.

FIALHO DE ALMEIDA.

O DOMINGO DOS BÉBÉS

O CARACOL

«Caracol, caracol, põe os olhos ao sol... Caracol, caracol...» assim repetiam em côro Virginia e Julio para um imprevidente caracol que tinha vindo apegado a uma folha de alface.

Virginia e Julio eram sobrinhos de Thomé que os tinha convidado para passarem o dia em sua companhia. Virginia era uma interessantissima criança, de sete annos: cabellos castanhos annelados, olhos negros, ora vivissimos, ora embebedos d'uma ternura angelica. Áspera e agil, corria um dia inteiro por entre as flores, como a mais ligeira e tambem a mais gentil das borboletas.

Julio um rapaz de oito annos, magro, olhar intelligente e travesso; sempre alegre e buliçoso, inventor fecundo de engraçadissimas *partidas*, muito curioso, muito perguntador e o melhor estudante da sua aula. Taes eram os irmãos do nosso sizudo e já conhecido amigo Eduardo.

Como o caracol não annuisse ao convite lyrico, adivinhando certamente a sorte que o esperava, Julio, desesperado, proferiu a sentença inquisitorial: Ah, não queres pôr os olhos ao sol? Pois vaes para o lume!

Thomé—Não consinto: isso é uma barbaridade.

Julio—Não é tio; quando a gente os põe nas brasas começam a mexer-se para todos os lados.

Virginia—E chamam tanto! fazem xi...i...i.

Thomé—Isso é uma crueldade; não matem d'esse modo os pobres animaes. Aquillo não é cantar, é o animal a queixar-se, a seu modo, das torturas que está soffrendo. A baba, coagulada pelo calor, forma empolas, e o ar que d'ellas se escapa, quando reventam, produz aquelle som que é como o gemido do muribundo.

Julio—Gosto tanto de os ver deitar as hastesinhas de fóra! São quatro, não são, tio?

Thomé—São quatro, sim.

Virginia—Aquillo é um enfeite como têm os bois; não é?

Thomé—Não. As hastes são tudo: são mãos, olhos, nariz...

Julio—Vês, Virginia? tambem é senhor do seu nariz.

Thomé—E são, até, bordões de cego. Chamam-se *tentáculos*. O animalzinho tem dois pares de comprimento desigual; o par superior é o mais comprido e o mais util tambem.

Julio—E têm um pontinho negro, não tem, tio?

Thomé—São os olhos.

Virginia—Mas que olhinhos!

Thomé—Pois são tão completos como os do cavallo ou do boi. A estrutura do olho é muito com-

plicada, não lh'a posso descrever, mas acreditem que n'aquelle pontinho negro não falta cousa alguma necessaria a um olho. Ao lado do olho encontra-se o nariz, isto é, um orgão especial, sensível aos cheiros. O caracol vê e sente pela extremidade dos tentáculos.

Julio—E olhe que é verdade. Em a gente lhe chegando, seja o que fór, ás hastes, elle recolhe-as logo.

Thomé—Esse nariz, e olho ao mesmo tempo, pode alongar-se e retrahir-se; aproximar-se dos objectos e tateal-os ou cheiral-os. Só se encontra um nariz semelhante n'um animal que está no extremo opposto da escala de grandeza: no elephante.

Virginia—Como aquelle que nós vimos no circo?

Thomé—Sim.

Virginia—Mas isso é tromba.

Thomé—É um nariz descommunal.

Julio—Mas que narigão!

Thomé—No entanto, que superioridade não tem o do caracol! Sensível á luz e ao cheiro, olho e nariz, ao mesmo tempo, pode contrahir-se até se inserir de todo no corpo do animal, ou estender-se.

Julio—Eu já os tenho visto esconder as hastes; vão encolhendo-as como eu faço com os dedos das luvas quando as descalço. Aquillo assim é bom: quando embirram com uma cousa mettem o nariz e os olhos na algibeira.

Thomé—A comparação é um pouco extravagante, mas é assim, é.

Julio—E quando as estendem vão sahindo a pouco e pouco, á maneira de um binoculo.

Thomé—Nós para nos subtrahirmos á luz demasiadamente viva, ou evitarmos um cheiro desagradavel, fechamos as palpebras, ou tapamos o nariz; pois em taes casos o caracol...

Julio—Mette os olhos e o nariz na bainha?

Virginia—Que ratice!...

Julio—Porque diz o tio que os tentáculos—não é assim que se diz?—que os tentáculos são bordões de cego? Elle não é cego...

Thomé—Em recolhendo os tentáculos superiores o animal deixa de ver; n'estas circunstancias restam-lhe os dois inferiores que lhe servem para tatear os objectos, mas melhor que o bordão dos cegos, por serem mais sensiveis. Os dois tentáculos inferiores tambem desempenham o papel de bordões, ou melhor, de dedos, que palpam e reconhecem os objectos.

Virginia—O' tio, o caracol não é uma lesma que se encaixou n'uma casca vazia?

Thomé—Não, filha. A lesma é sempre lesma, não se transforma em caracol, isto é, nunca tem concha. O caracol nasce logo com a casca, que vae crescendo a par do animal.

Virginia—Mas eu encontro ás vezes na quinta, conchas vazias?

Thomé—Essas já tiveram os seus habitantes, mas morreram.

Julio—Mas a lesma é irmã do caracol.

Thomé—A familia é a mesma: ambos se chamam *molluscos*, que são animaes que tem a pelle molle, com a differença de que muitos constroem a concha, sendo um d'esses o caracol e outros não, como é a lesma.

Durante o inverno, o caracol procura uma toca onde se esconde, mette-se em casa, barra a entrada com uma materia calcarea por elle segregada e fica n'um estado de torpor até chegar o verão.

Agora desejava revelar-te uma propriedade especial d'estes animaes; mas receio que queiras verifical a.

Julio—Diga tio.

Thomé—Mas has-de prometter-me não fazer a experiencia...

Julio—Descance, tio. Então não se fia de mim?

Thomé—O caracol gosa da faculdade de poder reproduzir as partes mutiladas ou cortadas. Em lhe cortando os tentáculos, a boca, ou mesmo parte da cabeça, nascem outra vez!

Julio—O' tio, não esteja a brincar...

Thomé—Fallo sério!... mas cuidado com a promessa!

Julio—Sim, tio; mas mal empregada qualidade n'um animal tão inutil!

Mudar de cabeça como se muda de botas!

Thomé—Queres dizer que era á humanidade que Deus devia ter concedido tão raro privilegio?

Julio—Pois está visto. Em uma pessoa estando descontente com a sua cabeça, cortava-a para nascer outra. Tantas havia de cortar, que por fim havia de ficar bem servido.

Thomé—Se outros se não incumbissem d'isso... Mas se assim fosse, quantas cabeças que nos governam...

Emfim, ficas sabendo que o caracol tem sobre nós esse privilegio maravilhoso.

Julio—O caracol com que faz a concha?

Thomé—Com a sua propria substancia, meu amigo, segrega os materiaes com que a construe.

Virginia—Não entendo...

Thomé—Pois não foste tu quem fez os teus bonitos dentes? De vez em quando nasce-te um dente sem tu saberes como; não é verdade que nasceu por si? A materia de que são feitos os dentes é dura, é rija como pedra, não é? D'onde veio? Da tua propria substancia, está claro.

Quer isto dizer que as gengivas segregam a pedra que por si mesma toma a forma de dente.

Pois é assim que a casca do caracol é construida. O animal segrega, distilla, sua a pedra com que forma a elegante habitação.

Julio—Mas para dispor as pedras umas sobre outras precisam-se pedreiros e para a casca do caracol não.

Thomé—Pois tambem, quando digo que estas cousas se criam por si, não quero dizer que a pedra tenha a faculdade de construir ella mesma a concha: Ninguém viu ainda a alvenaria amontoar-se por si só para formar uma parede. O Creador ordenou que a pedra se dispuzesse de certa forma para abrigar o animal, como tambem que a pedra formas-se no seio das gengivas os dentes das crianças, e assim se cumpriu.

Virginia—Já gosto mais do caracol, apesar de ir roer as rosas do meu canteirinho.

Thomé—Tanto não quero eu. Façamos-lhe guerra, visto estragar-nos as plantas: estamos no nosso direito. E agora, Julio, já vês que não conhecias o caracol senão por ouvil-o chiar em cima das brazas, malvado!

Julio—Eu já sabia que o caracol tinha olhos. Não ouviu eu dizer—caracol, caracol, põe os olhos ao sol?

Thomé—E como elle não queria condemnava-lo á fogueira, grandissimo... inquisidor.

Julio—Dê cá um beijo, tio não torno mais, e desatou a correr direitinho á folha d'alface. Virginia pendurou-se do pescoço do velho tio, semeou-lhe de beijos a espaçosa calva e partiu ligeira como uma ave. D'ahi a pouco repetiam ambos em côro:

—Caracol, caracol, põe o teu nariz ao sol...

O TONEL DO BARÃO ATULFO

Havia já mais de vinte annos que o barão Frantz tinha fallecido ao voltar d'uma caçada, no seu feudo castello situado nas margens do Rheno, no meio d'uma floresta impenetravel de pinheiros seculares e abetos carcomidos, onde a horas mortas da noite, segundo o dizer dos aldeãos, appareciam as sombras gigantes dos antigos senhores do castello, vestidos de ferro e empunhando a espada, reunindo-se em mysterioso conciliabulo junto da velha porta da gothica capella. Os jardineiros e guardas matto, affirmavam terem encontrado nas geladas noites de inverno, o vulto altivo e severo do barão Arthur pae do barão Frantz senhor actual do dominio, e sentiram as suas esporas de prata tinir nas lages ennegrecidas do atrio da ermida. Muitas vezes nas noites tempestuosas, em que a neve passava na floresta n'um turbilhão de microscopicos crystaes, os relampagos rasgando o negro fundo do ceu, reflectiam a sua luz palida nos polidos arnezes e elmos de aço fino e duro, dos espectros cadavericos dos velhos barões.

Mais d'uma vez os pobres camponios foram encontrados meos mortos de medo, e sem sentidos, nos sitios onde eram mais repetidas as appareições dos nobres phantasmas.

Na noite seguinte á morte do barão Frantz deu-se um caso que levou o terror ao interior do palacio, onde até então os espectros dos seus possuidores não tinham ousado penetrar, talvez para não aterrorisarem no solar que lhes fôra berço a paz confiante e inalteravel que n'elle reinava desde epochas immemoriaes.

A adega dos barões de Scomberthual-Sdlitz era celebre em tradição pela fama dos seus vinhos, alguns dos quaes tinham seculos de existencia, e se fossem conhecidos no tempo de Mathusalem, teriam sido aproveitados pelo celebre alchimista para base do seu elixir da longa vida.

N'uma divisão interior, cavada na polida abobada da adega, existia um tonel enorme contendo um vinho do Rheno, que segundo as notas existentes nos archivos do castello, devia ter trezentos annos de existencia. O tonel estava engastado n'um macisso de cal e areia, e por assim dizer impenetravel ao ar e á destruição do tempo, e a solida chave de ferro que fechava a entrada d'aquelle precioso cubiculo existia em poder do morgado da casa que nunca a confiava a pessoa alguma.

Aquelle vinho tinha uma historia, onde a lenda e os interesses se alliavam perfeitamente, eil-a:

N'um anno muito remoto, em que talvez o Adão e a Eva da phyloxera actual se estabeleceram no Rheno, as vinhas de todos os proprietarios foram devastadas de fôrma, que muitos ricos ficaram pobres, e muitos pobres ficaram sem esperanza de melhor futuro.

O barão Atulfo sendo chefe da nobre casa de Scomberthual-Sdlitz chamou os seus servos e amigos, e de caldeira de agua benta e hysope em punho, todos com tochas e entoando o *Credo*, benzeu as suas vinhas até ali incolumes, e ou *milagre*, ou qualidade do terreno, o caso é que o barão teve uma formidavel colheita, que vendeu por preços fabulosos, e da qual guardou apenas o tradicional tonel que só deixava correr o precioso licor em occasiões excepcionaes, taes como visita de pessoa real ao nobre solar, nascimento do herdeiro da casa, e casamento do chefe da familia, ou do seu primeiro descendente, e ainda assim nunca se tirava mais que uma garrafa de cada vez segun-

do a condição expressa no testamento do barão Atulfo e sempre cumprida com aquelle santo acatamento e respeito que algumas casas nobres guardavam para com os seus antepassados.

Ao todo, o enorme tonel que possuia a capacidade de cinco mil garrafas, apenas teria dado quando muito, umas 800 no espaço de trezentos annos, restando-lhe por consequencia quatro mil e duzentas que seriam gastas com a maior parcimonia possivel, sempre em harmonia com o testamento do barão Atulfo. Ora eis aqui a primeira parte da historia do lendario tonel ao qual andava unida a crença, que quando o vinho se acabasse, a casa de Scomberthual-Sdlitz extinguir-se-hia no ultimo dos seus descendentes.

Mas vamos porém á historia.

Quando o barão Frantz morreu, já seu filho Frederik tinha nove annos, e a pobre viuva ainda nova e formosa empregava todos os seus cuidados no desenvolvimento do nobre descendente de seu marido, e seu filho unico. Frederik era robusto e vigoroso como seu pae, e a sua côr rosada e os seus enovelados cabellos louros davam-lhe uns taes ou quaes traços da physionomia de seu avô, segundo diziam o hortelão e o falcão do castello, velhos de 80 e tantos annos que levariam mais de vinte a contar todas as historias que sabiam, se acaso algum pachorrento Walter Scott os quizesse ouvir. Musculoso, arrojado, valente e atrevido, taes eram os dotes do joven barão que constituia a felicidade inteira da desolada viuva de Frantz.

Ora pois na noite em que o barão morreu, um creado que fôra á adega buscar uma garrafa de vinho para a ceia do medico, gritou por soccorro, e com os olhos esgazeados, os cabellos em pé, pallido, a tremer como que em principio de loucura, declarou ter visto o espectro do barão Frantz bater na solida porta de ferro que dava entrada para a casa onde existia o famigerado tonel, e o capellão do palacio que ouvira a declaração do celebre camponio apressou-se a dizer á castellã que era necessario benzer a adega, e que a chave deveria ser depositada nas mãos lividas e frias da enorme virgem de marfim que ornava o altar-mór da ermida.

O capellão era um homem muito respeitado no velho solar, e se tinha fama de comer bem e beber melhor, tambem jámais alguém ousara pôr em duvida a sua caridade evangelica, e a austeridade das suas virtudes. Fôra elle quem casara o barão Frantz, quem baptisara Frederik, e quem lançara as ultimas orações sobre o cadaver frio e inerte do barão, acompanhando-o até ao carneiro da ermida onde mais um caixão se juntou aos vinte e dois que já lá estavam.

Durante toda a sua vida, o bom do capellão só duas vezes bebera do vinho do tradicional tonel: no dia do casamento de Frantz, e no dia do baptisado de Frederik, e durante mezes o bom do homem não se cansara de gabar as qualidades d'aquelle nectar de que apenas lhe coubera a terça parte d'um calix, e nas suas longas noites de meditação, o seu olhar vago e piedoso voltava-se para o logar onde estava situada a adega, e parecendo romper a solida porta de ferro que guardava o precioso vinho, animava-se, e uma grande quantidade de baba proveniente dos pensamentos não satisfeitos d'uma bebida ou comida de que gostamos, escorria pelos flabios rosados do capellão, que n'um extasi inconcebivel parecia ainda saborear aquelle divino licor de que apenas conseguira libar uma ou duas gottas que se tinham vaporizado na sua beatifica guella.

(Continua).

ALFREDO GALLIS.

O COMMENDADOR MENDOZA

POR

D. JOÃO VALERA

(Continuação)

Como já se tinham dado casos de serem levados para os Toribios alguns rapazes travessos, contra a vontade de seus paes, e como o irmão Toribio durante a sua santa vida tinha apparecido em casa dos taes rapazes não só em toda a Sevilha mas em outras povoações da Andaluzia, de onde os levava para o seu terrivel estabelecimento, a ameaça dos frades pareceu a D. Diogo pezada de mais para graça, e mais pezada ainda para ser verdade.

Mandou portanto dizer aos frades que se abstivessem de caçar com o filho e muito mais de o ameaçar, porque elle saberia castigar o rapaz quando merecesse, e que ninguém mais se atreveria a pôr-lhe as mãos. Acrescentou D. Diogo que o rapaz, não obstante ser pequeno, saberia defender-se e até offender se o attacassem, e que além d'isso elle D. Diogo correria em seu auxilio no caso de necessidade, e arrancaria as orelhas a todos os Toribios que houvesse e tivesse havido no mundo.

Com estas insinuações, que bem sabiam todos quanto era D. Diogo capaz de tornar effectivas, os frades contiveram-se na sua malevolencia; mas como D. Fadrique (é força confessal-o para sermos imparciaes) continuava sendo peor do que d'antes, os frades não ousando esgrimir com armas terrenas e temporaeas, socorreram-se ao arsenal das espirituaes e eternas, e não deixaram de quererem amedrontal-o com o inferno e o demonio.

D'este modo de intimidação resultou um mal gravissimo. D. Fadrique apesar das tias fez-se impio antes de pensar e reflectir: por um sentimento instinctivo. A religião não se lhe apresentava á mente pelo lado do amor e da ternura infinita, mas pelo do modo, contra o qual se insurgia a sua condição valorosa e independente. D. Fadrique não vio nos poderes sobrenaturaes o objecto do amor insaciavel da alma, e o digno fim da sua ultima aspiração. D. Fadrique não vio n'elles senão tyrannos, verdugos ou espantalhos sem consistencia.

Cada seculo tem o seu espirito, que se espalha e como que se dilue no ar que respiramos, infundindo-se talvez nas almas dos homens sem necessidade de que as ideias e theorias passem de uns entendimentos para outros por meio da palavra fallada ou escripta. O seculo XVIII não foi talvez critico, sensualista e descrito por ter tido Voltaire, Kant e os encyclopedistas; mas por isso mesmo que era critico, sensualista e descrito é que teve esses pensadores, que formularam em termos rigorosos o que estava difundido e vago no ambiente: o curso do pensamento humano n'aquelle periodo da sua civilização progressiva.

Só assim se comprehende que D. Fadrique chegassem a ser impio sem ler nem ouvir coisa alguma, que o levasse a isso.

Esta nova qualidade que se manifestou n'elle era muito perigosa n'aquelles tempos. O proprio D. Diogo se espantava de certas ideias do filho. Felizmente o desenvolvimento de tão má inclinação coincidiu quasi com a ida de D. Fadrique para o collegio de guardas marinhas, evitando-se assim todo o escandalo e desgosto em Villabermeja.

As tias Victoria e Romonica choraram muito a partida de D. Fadrique; o padre Jacintho sentiu-a; D. Diogo, que o levou, quasi que ficou mais contente de ver o filho encetar carreira, do que se affligiu

ao separar-se d'elle; e os frades, e Canimisito sobretudo, tiveram um dia de jubilo no dia em que o perderam de vista.

D. Fadrique voltou a Villabermeja d'alli em deante; mas sempre por brevisimo espaço de tempo: uma vez quando sahio do collegio para ir fazer viagem; outra vez sendo já official. Passaram-se annos sem que nenhum bermejino visse D. Fadrique. Sabia-se que estava, ora no Perú, ora na Asia, ora no extremo Oriente.

IV

Durante ausencia tão prolongada forjavam-se no lugar as mais phantasticas e absurdas conjecturas á cerca das coisas de D. Fadrique.

D. Diogo e a tia Victoria, que eram as pessoas mais instruidas e intelligentes da familia, morreram pouco depois de D. Fadrique estar no Perú. E a tia Ramoncica e ao porco D. José não escrevia Fadrique senão de longe em longe, sendo as cartas por extremo breves.

achava o nosso bermegino, os tripulantes que se poderam salvar, foram destinados á defeza do castello do morro, sob o commando do valoroso D. Luiz Velasco.

Lá esteve D. Fadrique fazendo estragos na armada ingleza com os seus tiros certos de peça. Depois, durante o assalto, pelejou na brecha como um heroe, e vio morrer a seu lado o seu chefe D. Luiz. Por ultimo, foi dos poucos, que lograram salvar-se quando, ao passar por sobre um monte de cadaveres e fazendo prisioneiros os vivos, chegou o general inglez, conde de Albermale, a implantar a bandeira britanica na principal fortaleza da Havana.

D. Fadrique teve o desgosto de assistir á capitulação d'aquella praça importante, e contado no numero dos que a guarneciam foi conduzido á Hespanha em cumprimento do estatuido nas condições.

Então veio a Villabermeja já tenente, e vio seu pae pela ultima vez.

A rainha das Antilhas, muitos milhões de duros, e o melhor dos nossos vasos de guerra tinham cahi-

o governo pertendera afogar em sangue aquella rebellião, ao passo que estava auxiliando a de Washington e seus parciaes contra os inglezes; mas D. Fadrique, murmurando e censurando, servio energeticamente o seu governo e contribuiu bastante para a pacificação do Perú.

D. Fadrique acompanhou Areche na sua marcha ao Cuzco, e desde então, commandando uma das seis columnas em que o general Valle dividio as suas forças, seguiu a campanha contra os indios, tomando gloriosa parte em muitas refregas, soffrendo com firmeza as privações, as chuvas e os frios em escabrosas alturas na falda das Andes, e não parando sem que Tupac-Amara cahisse vencido e prisioneiro.

D. Fadrique com grande horror e desgosto, foi testemunha ocular dos tremendos castigos que o nosso governo infligio aos rebeldes. Pensava elle que as crueldades e infamias commettidas pelos indios não justificavam as de um governo culto e europeu.



AS PONTES DE CORDAS NO JAPÃO

Ao padre Jacintho, posto que o estimasse muito, escrevia tambem pouco em virtude da repulsão e desconfiança que lhe inspiravam os frades em geral. Por isso nunca se sabia com certeza por onde andava o illustre marinheiro, nem a que rasgos se aventurava.

Quem soube mais d'este no seu tempo foi o cura Fernandez, que, como fica dito, tratou e foi amigo de D. Fadrique. Pelo cura Fernandez se informou D. João Fresco, sobre quem influio muito a narração das peregrinações e lances de fortuna de D. Fadrique a ponto de se fazer piloto e seguir-lhe as pisadas em tudo.

Compilando e coordenando as noticias vagas e dispersas, referil-as-hei aqui em resumo.

D. Fadrique esteve pouco tempo no collegio, onde revelou grande disposição para o estudo.

Sahio cedo para navegar, e foi á Havana em occasião tristissima. A Hespanha estava em guerra com os inglezes, e a capital de Cuba foi atacada pelo almirante Pocok. Mettido a pique o navio em que se

do em poder dos inglezes.

D. Fadrique não se descoroçoou com tão tragico principio. Era homem pouco dado a melancholias. Era optimista e não de queixos. Alem d'isso, o morgado havia de herdar todos os bens da casa, e elle anciava por adquirir honra, dinheiro, e posição.

Esteve poucos dias em Villabermeja. Foi-se embora antes dese lhe acabar a licença.

O rei Carlos III, depois da triste paz de Paris, a que o levou o desastroso *Pacto de familia*, tratou de melhorar em todos os ramos a administração de seus vastissimos estados. Na America era onde havia mais abusos, mais escandalos, mais immoralidades, mais tyrantias e delapidaciones. Afim de remediar tanto mal, o rei mandou Galvez como *visitador* ao Mexico, e um pouco mais tarde mandou ao Perú, com o mesmo encargo D. João Antonio de Areche. N'esta expedição foi a Lima D. Fadrique.

Lá estava quando rebentou a sedição de Tupac-Amara. A' mente imparcial e philosophica do bermejino afigurava-se um espantoso contrasenso que

Era baixar ao nivel d'aquella gente semi-selvagem. E quasi se arrependeu de ter contribuido para o triumpho quando vio na praça do Cuzco morrer Tupac-Amara depois de um brutal martyrio, que parecia invenção de feras, não de creaturas humanas.

Tupac-Amara teve que presenciar a morte de sua mulher, de um filho e de alguns amigos; outro filho seu de dez annos foi condemnado a ver os barbaros supplicios de seu pae e mãe, e a elle Tupac-Amara cortaram-lhe a lingua e ataram-no pelos braços e pernas a quatro cavallos, para que correndo em direcção opposta o despedaçassem. Os cavallos, ainda que rijamente esportados pelos que os montavam, não tiveram força bastante para esquarterar o indio, e por isso foi necessario desatal-o dos cavallos e cortar-lhe a cabeça.

(Continua).